

# As poesias na “Fenomenologia da Religião” de Van Der Leeuw

The poems in the “Phenomenology of Religion” by Van Der Leeuw

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior - UFRN

Traduções: Janaína Alexandra Capistrano da Costa - UFT

O livro clássico de Gerardus Van Der Leeuw, *Phanomenologie der Religion*, publicado originalmente em 1933, em Tübingen, revisado em 1956, foi publicado em espanhol, em 1964, e reimpresso em 1975. A tradução foi de Ernesto de La Peña, publicado pelo *Fondo de Cultura Económica*, do México. Infelizmente se tornou uma obra rara, apesar de indispensável a todos que buscam um olhar não explicacionista para a religião.

Em praticamente a cada duas das quase 700 páginas do livro aparece uma poesia. Muitas delas são retiradas dos textos sagrados das mais diferentes origens. A seleção de Van der Leeuw é muito precisa, mas, ao mesmo tempo, sempre marcada por uma preocupação com a beleza das palavras e dos versos. O leitor fica com a impressão de partilhar com o autor a admiração pela forma e conteúdo de cada citação.

Outra grande parte das poesias citadas é de poetas e literatos que expressaram essa ou aquela idéia ou sentimento que se encaixam perfeitamente no argumento do autor. Além de embelezar o texto, as poesias demonstram o quanto o fenômeno analisado ressoa através dos tempos. Geralmente, essas poesias, não retiradas de textos sagrados, vêm no final de cada tópico estudado.

Dada a finalidade dessa parte da Revista, não faremos aqui um inventário completo, traremos apenas dez poetas utilizados pelo autor como exemplos ilustrativos, descrevendo o contexto em que Van der Leeuw os emprega.

Fechamos assim, esse Dossiê, demonstrando de forma emblemática e decisiva aquilo que foi pontuado já no primeiro de seus artigos: que o Mito, a Ciência e a Poesia, quando colocados em proximidade, em vez de se confrontarem, dançam. Os Pais capadócijs expressavam o mistério da Trindade com a palavra PERICORESE, dança. Aqui assistimos essas três instâncias da cultura abandonarem seus exclusivismos e interagirem, criando efeitos melódicos polifônicos. Com a contribuição de Van der Leeuw, segue a música para que a dança de fato comece.

**Rainer Maria Rilke**

(1875-1926)

*Me agrada oír el canto de las cosas.**Si las tocáis: están inertes, mudas.**Vosotros lās matáis<sup>1</sup>.**[Agrada-me ouvir o canto das coisas.**Se as tocais: estão inertes, mudas.**Vós as matastes].*

Os três últimos versos de “A palavra do homem me dá medo” servem para Leeuw (1975, p. 26) mostrar a dificuldade que o homem moderno tem de perceber o poder que existe nas coisas, tidas sempre como objetos mortos, e do qual dispomos a nosso bel prazer<sup>2</sup>.

A influência recíproca do Sujeito e do Objeto é parte essencial na compreensão do fenômeno religioso. Leeuw (1975, p. 329) retorna a Rilke para demonstrar o quanto o totalmente outro está no fundamento de nossos gestos.

*Y lo sé ahora: hacemos como niños.**Solamente un principio es toda angustia,**pero la tierra no conoce fin**y el temblor es el gesto solamente**y la nostalgia es su sentido...<sup>3</sup>**[Agora eu o sei: fazemos como crianças.**Toda angustia é somente um principio**Mas a terra não conhece fim**E somente o tremor é o gesto**E a nostalgia é o seu sentido].***Walt Whitman**

(1819-1892)

*Creo que podría convertirme a vivir con los animales:**son tan plácidos y callados,**me detengo a mirarlos largamente, largamente<sup>4</sup>.**[Acredito que poderia adotar uma vida com os animais:**São tão plácidos e calados,**Detenho-me a olhá-los longamente, longamente].*

<sup>1</sup> *Die Dinge singen hör ich so gern. /Ihr rührt sie an: sie sind starr und stumm. /Ihr bringt mir alle die Dinge um. (Mir zur Feier, 1909. Berlin-Wilmersdorf, 21 de novembro de 1898).*

<sup>2</sup> No Editorial foram feitas algumas observações críticas a essa interpretação de Rilke, que ali foram colocadas para não alterar a natureza ilustrativa deste artigo.

<sup>3</sup> RILKE, R. M. *Die frühen Gedichte*. Leipzig: Insel-Verlag, 1913. Poema Sonhos: *TRÄUME, die in deinen Tiefen wallen*, p. 18.

<sup>4</sup> *Leaves of Grass*, 1855.

O autor (p. 69) recorre a esse trecho de Whitman na seção onde estuda o fenômeno dos animais sagrados na religião. Ele pontua o quanto o processo de racionalização foi enquadrando o animal dentro dos padrões humanos de relacionamento. Acrescenta: “só o poeta pode, como já pudemos ver, no caso dos objetos poderosos, tornar a encontrar o caminho rumo ao primitivo, ainda que seja pela trilha da nostalgia” (LEEJW, 1975, p. 69).

### Hugo Von Hofmannsthal

(1874-1929)

*i Ábrete, casa, entrégame tu umbral: un hijo llega!  
i Abre tus puertas, cámara profunda  
donde duermen —asidos de la mano  
y entrelazados los cabellos— nuestros padres!  
¡Acabo de llegar!*<sup>5</sup>

*[Abre-te, casa, entrega-me teu umbral: um filho chega!  
Abre tuas portas, câmara profunda  
Onde dormem – agarrados da mão  
E entrelaçados os cabelos – nossos pais!  
Acabo de chegar!].*

O dramaturgo austríaco poetiza a figura da Terra como Gaia, Mãe-Terra. Cultuar a natureza provedora acaba por se constituir num dos fundamentos do sagrado, e a poesia de Hofmannsthal nos faz recordar que esta ainda é fonte de nossos perpétuos enlevos (LEEJW, 1975, p. 83).

### Geoffrey Chaucer

(1343-1400)

Dentro do mesmo tema da terra como a mãe acolhedora, Leeuw (1975, p. 83) lembra o suspiro do velho que não pode morrer nos *Canterbury Tales*:

*Cual prisionero inquieto, por la tierra  
– puerta que me conduce hacia mi madre –  
camino y con mi báculo, más tarde o más temprano,  
golpeo y digo: “¡Déjame entrar, madre querida!”*<sup>6</sup>.

*[Como um prisioneiro inquieto, pela terra  
– porta que me conduz à minha mãe –  
caminho e com meu cajado, cedo ou tarde,  
bato e digo: “deixe-me entrar, mãe querida!”].*

<sup>5</sup> *Das Berwerkzu Falun*, escrito em 1900, e lançado em 1932. p. 241.

<sup>6</sup> Em *El conto Del Bulero*, p. 158 da edição online: *Cuentos\_de\_Canterbury\_GCh.pdf*.

**StefanGeorge**

(1819-1892)

*Eres tú, niño, el amigo,  
aquel en quien veo al dios  
que, temblando, reconozco:  
al que va mi devoción<sup>7</sup>.*

*[És tu, menino, o amigo  
Aquele em quem vejo o deus  
Que, tremendo, reconheço:  
A quem vai minha devoção].*

Na fenomenologia da religião, enquanto a mãe convida ao culto da natureza, por ser a provedora, a matriz, a fonte inicial... o filho aponta para a renovação, e desse modo, para a esperança de salvação. “*El salvador sé presenta en la vida de los hombres con muy diversas figuras, pero siempre se siente su llegada como una vivencia primaveral*” (LEEJW, 1975, p. 97).

*De nuevo llega la Cuaresma.  
Indicas el camino al viento  
y a nosotros, por quienes velas.  
Mi acción de gracias balbuceo<sup>8</sup>.*

*[De novo chega a quaresma.  
Indicas o caminho ao vento,  
E a nós, por quem velas.  
Minha ação de graças balbucio].*

Leeuw retorna a Stephan George ao concluir o capítulo sobre a Plenitude Divina (§74), do poema “*Entrueckung*”, do mesmo livro *O Sétimo Anel*:

*El suelo tiembla, blanco y blando  
como suero de leche,  
asciende por monstruosos precipicios;  
sobre la nube última siento que estoy flotando  
en un mar de esplendores cristalinos.  
Solamente una chispa soy del fuego sagrado,  
sólo soy un susurro de la sagrada voz.*

*[O solo treme, branco e brando  
Como soro de leite,  
Sobe por monstruosos precipícios;  
Sobre a última nuvem sinto que estou flutuando  
Em um mar de esplendores cristalinos.  
Sou somente uma chispa do fogo sagrado,  
Sou somente um sussurro da sagrada voz].*

<sup>7</sup> *Der siebente Ring*, 1907. Maximin, Kunfttag, I.

<sup>8</sup> *Idem*, III.

No capítulo sobre a mística (p. 479), Leeuw também recorre ao poeta alemão, e nos traz mais esse trecho do *Der Siebente Ring* (*O Sétimo Anel*):

*Si aún buscáis el mal a vuestro lado,  
si queréis atrapar la salvación afuera,  
en perforado cubo estáis vertiendo.  
Algo venal atrae vuestro afán.*

*Vosotros mismos, en vuestro interior, sois todo:  
el sonido arrobado de la oración se funde  
y torna en unidad con el amor: llamadlo dios, amigo, novia.*

*[Se ainda buscais o mal ao vosso lado,  
Se quereis agarrar a salvação fora,  
Num cubo perfurado estais vertendo.  
Algo venal atrai vosso afã.*

*Vós mesmos, em vosso interior, sois tudo:  
O som elevado da oração se funde  
E volta em unidade com o amor:  
Chame-o Deus, amigo, noiva].*

Leeuw conclui a seção sobre o Salvador (p. 105), novamente com uma citação de Stephan George, e agora bem mais ampla. Para introduzir a poesia, ele faz o seguinte comentário: "*El poeta moderno encuentra todos los viejos sonidos del tiempo que termina y del nuevo principio, de la salvación y de la consumación, en el maravilloso poema*":

*Lejanos sueños enturbiaban vuestros ojos  
y ya no os preocupabais por el feudo sagrado.  
Sentías correr el soplo final por las habitaciones...  
Ahora, levantad el rostro! Viene la salvación hacia vosotros.  
En vuestros años gélidos y largos  
brota el milagro nuevo que de la primavera nace.  
Con manos florecidas y el resplandor entre el cabello,  
apareció un dios y entró en vuestra casa.*

*Ya no claméis —también vosotros fuisteis elegidos—  
por todo aquello que se aleja sin cumplirse en vuestros días...  
¡Alabad vuestra ciudad en donde un dios nació!  
¡Alabad vuestro tiempo en el que un dios vivió!*

*[Sonhos longínquos obscureciam vossos olhos  
E já não vos preocupáveis pelo feudo sagrado.  
Sentíeis correr o sopro final pelos cômodos ...*

*Agora, levantai o rosto! A salvação vem em vossa direção.  
Em vossos anos gélidos e longos  
Brotou o novo milagre que da primavera nasce.  
Com as mãos em flor e o resplendor entre os cabelos,  
Apareceu um Deus e entrou em vossa casa*

*Já não clameis – vós também fostes eleitos –  
Por tudo aquilo que se distancia sem se cumprir em vossos dias...  
Celebrai vossa cidade onde um Deus nasceu!  
Celebrai vosso tempo no qual um Deus viveu!].*

### **Homero**

(Antiguidade grega)

Ter o poder, antigamente, poderia ser algo muito arriscado. Ao rei eram atribuídas, muitas vezes, as catástrofes pelas quais o povo passava. Leeuw (1975, p. 111) observa que

a tendência, viva ainda hoje, especialmente entre os mais simples, de culpar o governo por tudo, tem raízes religiosas antiqüíssimas: em última análise Deus é culpado por ter todo poder, mas como está longe, busca-se o portador do poder mais próximo, e que, em certas circunstâncias, possa converter-se em bode expiatório.

No entanto, ao dar um exemplo, ele recorre a um trecho d' *A Odisséia* (XIX, 109ss) que exalta justamente as benesses de um bom governo:

*Al amparo de su buen gobierno  
la negra tierra produce trigo y cebada,  
los árboles se cargan de fruta,  
las ovejas paren hijuelos robustos, el mar da peces,  
y son dichosos los pueblos que le están sometidos.*

*[Ao amparo do seu bom governo  
A negra terra produz trigo e cevada,  
As árvores carregam-se de frutas,  
As ovelhas dão filhotes robustos, e o mar, peixes,  
E são ditosos os povos que lhe estão submetidos].*

### **Conrad Ferdinand Meyer**

(1825-1898)

*Nosotros, que hemos muerto, formamos un ejército  
mayor que aquellos que habitáis la tierra,  
mayor que quienes en el mar vivís.  
Pacientemente el campo hemos arado,  
mientras vosotros hoy sólo segáis y recogéis los frutos,  
y de lo que concluimos y de lo que dejamos empezado*

*se colman allá arriba las fuentes susurrantes;  
nuestro amor, nuestro odio y nuestras diferencias  
allá arriba palpitan fluyendo por las venas de los hombres;  
en las válidas frases que dijimos todo cambio terreno permanece,  
y músicas, imágenes, poemas que creamos  
luchan por el laurel bajo la luz resplandeciente.  
Procuramos aún humanas metas: por eso mismo, ¡venerad,  
sacrificad en nuestro honor, pues somos muchos!<sup>9</sup>*

*[Nós, que morremos, formamos um exército  
Maior do que vós que habitais a terra,  
Maior dos que no mar vivem  
Pacientemente, aramos o campo,  
Enquanto vós hoje só cortais e recolheis os frutos,  
E do que concluímos ou deixamos começado  
Se abundam lá em cima as fontes sussurrantes;  
Nosso amor, nosso ódio e nossas diferenças  
Lá em cima palpitam fluindo pelas veias dos homens;  
Nas firmes frases que dissemos toda mudança terrena permanece,  
E músicas, imagens, poemas que criamos  
Lutam pelo laurel sob a luz resplandecente  
Procuramos ainda metas humanas: por isso mesmo, venerais, sacrificais em nos-  
sa honra, pois somos muitos!].*

Leeuw (1975, p. 123) faz o seguinte comentário imediatamente após ter inserido esse lindo poema: “*Estos versos, realmente sublimes, del poeta suizo contienen una fenomenologia casi completa de los muertos*”.

**Johann Wolfgang Von Goethe**  
(1749-1832)

Goethe, talvez o maior poeta alemão, é convocado, com estes versos de *Grenzen der Menschheit* (Fronteiras da humanidade), a fechar a seção onde Leeuw discutiu “*El trasmundo sagrado: poder y voluntad em el trasfondo*” (p. 163):

*Cuando el antiguo Padre  
con su serena mano  
siembra sobre la tierra  
rayos de bendición  
brotados de tronantes  
nubes, con infantil  
pavor dentro del pecho  
beso la postrimera  
orla de su ropaje.*

<sup>9</sup> *Gedichte*. 1882, p.331.

*¿Que distinción existe  
entre dioses y hombres?  
Sólo que olas múltiples  
surgen de aquéllos como  
una eterna corriente:  
a nosotros nos alzan  
las olas, nos devoran  
y desaparecemos.*

*[Quando o antigo Pai  
Com sua mão serena  
Semeia sobre a terra  
Raios abençoados  
Brotados de barulhentas nuvens,  
Com infantil pavor dentro do peito  
Beijo as orlas de suas vestes*

*Que distinção existe entre os deuses e os homens?  
Somente que as múltiplas ondas  
surgem daqueles como uma eterna corrente:  
A nós nos lançam as ondas,  
nos devoram e desaparecemos].*

**Novalis (Georg Philipp Friedrich von Hardenberg)**  
(1772-1801)

Leeuw (p. 357s) escolhe duas lindas poesias de Novalis para concluir seu capítulo sobre a fenomenologia do sacramento:

*Pocos conocen el misterio de amor,  
pocos son los que sienten esa insatisfacción  
y esa eterna sed.  
El sentido divino de la última cena  
es un enigma para los sentidos terrestres.  
Pero aquel que, en cierta ocasión,  
de ardorosos y amados labios  
sorbí el aliento de la vida,  
aquel a quien la llama santa  
el corazón fundió en olas temblorosas,  
aquel que abrió los ojos y midió  
con ellos la insondable profundidad del cielo,  
comerá de su cuerpo, y de su sangre  
beberá eternamente.*

*[Poucos são os que conhecem o mistério do amor,  
são poucos os que sentem essa insatisfação  
e essa eterna sede.*

*O sentido divino da última ceia  
 É um enigma para os sentidos terrestres.  
 Mas aquele que, em certa ocasião  
 De ardorosos e amados lábios  
 Sorveu o alento da vida,  
 Aquele a quem a chama santa  
 o coração fundiu nas ondas tenebrosas,  
 Aquele que abriu os olhos e mediu  
 com eles a insondável profundidade do céu  
 Comerá do seu corpo, e de seu sangue  
 Beberá eternamente].*

*Desde la yerba y desde la roca, el mar, la luz,  
 su infantil rostro resplandece.  
 En las cosas, en todas, no habrá de reposar jamás su acción  
 infantil ni su ardiente amor.  
 Se adhiere, sin guardar consciencia de sí mismo,  
 con firmeza infinita, al pecho de los hombres.  
 Niño para sí mismo y Dios para nosotros,  
 nos ama a todos con toda la fuerza de su corazón.  
 Para nosotros tornase en alimento y en bebida  
 y la mejor acción de gracias la advierte en la fidelidad.*

*[Desde a erva até a pedra, o mar, a luz  
 Seu infantil rosto resplandece  
 Nas coisas, em todas elas, não terá que repousar jamais sua ação  
 infantil nem seu ardente amor.  
 Se adere, sem guardar consciência de si mesmo,  
 com firmeza infinita, ao peito dos homens.  
 Menino para si mesmo e deus para nós,  
 Ama-nos a todos com toda a força de seu coração.  
 Para nós se torna alimento e bebida  
 E a melhor ação de graças a recomenda na fidelidade].*

### **Emily Brontë**

(1818-1848)

*Oh! dreadful is the chock —intense the agony—  
 When the ear begins to hear, and the eye begins to see;  
 When the pulse begins to throb, the brain to think again;  
 The soul to feel the flesh, and the flesh to feel the chain.*

*[Oh! é terrível o golpe - intensa a agonia -  
 Quando o ouvido volta a ouvir, e o olho volta a ver;  
 Quando começa a latir o pulso, e o cérebro a pensar de novo;  
 E a alma a suportar a carne, e a carne a sentir as correntes].*

O tema do êxtase místico em que se experimenta a plenitude divina é ilustrado com parte do poema *The Prisoner* (Outubro de 1845), da poetisa inglesa, *Emily Brontë*. Aqui Leeuw (p. 472) compara a violência do êxtase com a embriaguês e suas conseqüências.

.oOo.

Essas marcantes poesias que relacionam experiências religiosas àquelas de ordem estética e literária escritas por poetas situados na tradição cristã e metafísica, recolhidas do célebre livro acadêmico de Van Der Leeuw, pedra fundamental da fenomenologia da religião, mostra como o discurso poético estabelece campos de afinidade e pontos comuns de referência entre saberes, arte, teologia e a ciência moderna.